

## REPORTAGEM ESPECIAL

# Burnout tem a ver com economia? A resposta é sim.

» Doença causa prejuízos de R\$ 397,2 bilhões por ano para as empresas

Liège Alves, especial para o JC\*  
economia@jornaldocomercio.com.br

Levantamento coordenado em fevereiro deste ano pelo centro de pesquisas e debates norte-americano Future Form aponta que os efeitos diretos dos transtornos mentais demandam gastos com saúde, como medicação, consulta médica e hospitalização, e os indiretos correspondem à perda de produtividade (ausência no trabalho, incapacidade e aposentadoria precoce).

O reflexo econômico disso é imediato nas mais diversas esferas. É o que revela a pesquisa da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) intitulada "Os Custos Econômicos dos Transtornos Mentais", divulgada em março deste ano. Segundo o estudo, os problemas psicológicos causam uma perda de 4,7% do PIB, o equivalente a R\$ 282 bilhões ao ano.

O mesmo levantamento indica que, nas empresas nacionais, a perda anual no faturamento com esse tema chegou a R\$ 397,2 bilhões por ano e a redução de empregos (formais e informais) foi da ordem de 800,7 mil no mesmo período. O estudo mostra também que esses problemas causaram uma redução de R\$ 165 bilhões na renda das famílias e R\$ 26 bilhões na arrecadação do governo federal.

"Os resultados apresentados neste trabalho reforçam a importância de discutir o tema saúde mental, uma vez que os problemas associados aos transtornos geram também impactos negativos para a economia. Considerando os dados de 2019, as perdas econômicas recorrentes do burnout são de grandes proporções", observa João Gabriel Pio, economista-chefe da Gerência de Economia e Finanças Empresariais da Fiemg.

A tradução da palavra para o português dá uma dimensão da consequência. A Síndrome de Burnout significa a queima completa. O esgotamento físico, emocional e mental. Desde janeiro de 2022, esse distúr-



CREATIVEART VIA FREEPIK.COM/DIVULGAÇÃO/JC

bio foi incluído na revisão da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11) da Organização Mundial da Saúde (OMS) e ganhou status de fenômeno ocupacional grave e de dimensões internacionais.

A pandemia, que fragilizou as pessoas emocionalmente, trouxe incertezas na área financeira e o trabalho fisicamente para dentro das casas dos colaboradores foi apenas uma gota a mais nesse oceano da exaustão. Não é à toa que uma pesquisa de 2019, da International Stress Management Association (Isma-BR) estima que 32% da população economicamente ativa sofre com sintomas que vão desde dor de cabeça, desânimo, falta de concentração, dores musculares, sudorese e palpitações até agressi-

vidade, isolamento, dificuldade de concentração, irritabilidade e baixa autoestima.

O resultado de um estudo de maio de 2021 da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Organização Internacional do Trabalho (OIT) segue a mesma direção, evidenciando que cerca de 750 mil pessoas morrem todos os anos de AVC e parada cardíaca isquêmica, devido às longas horas de trabalho. Entre as causas desta epidemia silenciosa estão cargas de trabalho excessivas, pressão por resultados rápidos e culturas tóxicas no ambiente de trabalho.

Em tempos de políticas de redução de pessoas nas organizações e aumento do uso da Inteligência Artificial no mercado de trabalho, é comum ver funcionários e gestores com uma pressão constante de entrega de resultados. A ideia é fazer o mesmo com uma equipe menor. Na prática, a carga horária se estende bem mais, às vezes, até nos finais de semana, principalmente em cargos executivos que têm maior número de profissionais com burnout, garante Sirley Carvalho, diretora de Responsabilidade Social da ABRH/RS.

**Transtornos associados à mente provocaram uma redução de R\$ 26 bi na arrecadação do governo federal**



ISABEL WHITAKER/DIVULGAÇÃO/JC

Sirley aponta a pressão constante de entrega de resultados como vilã

Fruto desse estresse crônico, cresce o número de casos dessa síndrome nas empresas. "Essas questões estão acontecendo de forma invisível e aceitas pelas organizações e pelos funcionários porque as pessoas precisam desse trabalho", alerta Sirley.

Ela acredita que esse é um momento importante para falar desse assunto que foi relegado por todos, empresas e os próprios colaboradores. A cultura da saúde emocional, mental não foi discutida, nem pensada e ainda não é medida nas corporações. Ao contrário do Brasil, nos Estados Unidos há estatísticas sobre o tema. O estresse ocupacional custa aos empregadores locais mais de US\$ 300 bilhões por ano e podem causar 120 mil mortes excedentes neste mesmo período.

Na opinião de Sirley, fala-se atualmente muito nos três pilares da sigla ESG (Meio ambiente, Social e Governança), nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), mas pouco sobre sustentabilidade humana. "Não existe empresa sustentável sem o ser humano sustentável".

Para ela, as pequenas e médias empresas são mais resistentes em promover e praticar a cultura da saúde de forma mais integral. Enquanto iniciativas nesta linha já são incluídas em algumas corporações de maior porte, muitas empresas ainda não deram o primeiro passo.

Atividades simples para redução de estresse, como meditação, yoga, terapias complementares já aceitas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), são vistas como de menor importância e o orçamento destinado a essa área deixa a desejar, pois o lucro não é visível e os resultados demoram a aparecer.

"Esse é um momento importante porque há um despertar dessa consciência, mas falta ainda uma cultura de medição, de diagnóstico e diálogo entre empresa e funcionário na busca de uma maior qualidade e bem-estar no trabalho", lamenta ela.